

Publicado em: Os debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica e as ciências humanas: Filologia, Literatura e Lingüística, *Anuari de Filologia, Studia Graeca et Latina*, 20, D, 8, 29-38 (publicado em 1999).

FILOGIA, LITERATURA E LINGÜÍSTICA E OS DEBATES HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A ANTIGÜIDADE CLÁSSICA¹

PEDRO PAULO A. FUNARI²

A amplidão do tema, “debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica e as ciências humanas: Filologia, Literatura e Lingüística” desaconselharia um exercício de estudo exaustivo, objeto não de um ensaio, mas, ao menos, de um livro. Caberia, portanto, tratar de algumas questões metodológicas centrais e de alguns casos, tanto paradigmáticos como de caráter didático, a começar da própria ligação umbelical, *ab origine*, entre a História e a Filologia clássica e não me refiro, aqui, apenas àquela referente à Antigüidade Clássica, mas à História *tout court*. De início, a própria História surge como um gênero literário no seio da narrativa literária grega, a começar de Hecateu de Mileto e sua

¹ Aula ministrada em 17/12/97, em concurso público de provimento de cargo, no Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Brasil, perante a seguinte comissão julgadora: Alceu Dias Lima, Ítalo Tronca, Jorge Coli, Maria Guadalupe Pedrero e Maria Stella Martins Bresciani. O tema foi sorteado no dia 16 e, no dia seguinte, apresentei aula, cujo conteúdo está reproduzido neste artigo. As únicas alterações devem-se a sugestões e indicações, quanto à Filologia latina, mui gentilmente oferecidas pelo professor Marc Mayer, catedrático da Universidade de Barcelona, quando estive como professor visitante convidado pelo Departamento de Pré-História, História Antiga e Arqueologia da Universidade de Barcelona, em janeiro de 1998. Agradeço, também, o convite do Prof. Hector Benoit para que publicasse esta aula no *Boletim do Centro de Pensamento Antigo*.

“historicização do mito” (Meister 1990: 23) e, de maneira mais clara e ordenada, com Heródoto (Nesselrath 1996). Tucídides estabelece uma continuidade entre o que chamaríamos de “período mítico” e aquele histórico e não é casual que o mais recente estudo abrangente sobre o autor da “Guerra do Peloponeso” intitula-se, precisamente, *zu Thukydides’ historischer Erzählung*, “sobre a **narrativa** histórica de Tucídides”, pois é de um gênero literário que se trata, um estilo narrativo (Schwinge 1996). Deste estilo narrativo faziam parte os discursos, os retratos, a retórica (Fox 1993), e os historiadores antigos literatos antes que cientistas (Woodman 1983: 120), a História era concebida como *opus oratorium* (Marchal 1987: 42).

Este o sentido primevo do liame entre a História e a Filologia, enquanto gênero literário antigo. No entanto, a História que todos nós, historiadores *lato sensu*, praticamos, deriva, diretamente, da moderna reorganização do saber acadêmico, fenômeno resultante da Ilustração e da instauração das “ciências”, ramos do conhecimento, sentido preciso de *Wissenschaften*. De fato, *strictore sensu*, nossa disciplina não foi instaurada senão com Niebuhr e von Ranke (*pace* Lozano 1987: 79), em particular com a invenção da noção de documento a ser analisado, muito a propósito, *more philologico*, “à maneira da Filologia”, nascente disciplina que viria a fundar, em verdade, todas as Ciências Humanas. Von Ranke (1826), em seu clássico *Geschichte der romanischen und germanischen Völker*, “Histórias dos povos românicos e germânicos”, viria a formular a frase fundadora da disciplina: *Er will bloss zeigen wie es eigentlich gewesen*, “ele <*scilicet* o historiador> quer claramente mostrar como, na realidade, aconteceu”. Para tanto, fazia-se necessário

² Livre-Docente do Departamento de História, IFCH, UNICAMP, C. Postal 6110, Campinas, 13081-970, pedrofunari@sti.com.br.

conhecer o documento, o texto escrito, a língua, o estilo narrativo, tratava-se, pois, de ser antes filólogo para, em seguida, poder tornar-se historiador (*Historiker*) (cf. Funari 1995: 14-36). O próprio estudo da História foi chamada de *Philologie*, um tipo de *Bildung* “educação” (Niebuhr 1828-1831).

A primeira História a surgir, no sentido moderno do termo, foi, desta forma, a História Antiga, cuja assimilação à Filologia levou a que se intitulasse “estudo do mundo clássico”, *Altertumskunde*, *Altertumswissenschaft*, *Classics*, *études classiques*, *studi classici*. História antiga que surge indissociável da Filologia clássica, da qual continuaria a fazer parte (Bernal 1991 *passim*), à diferença de outros ramos da História, cuja ligação com a Filologia pode ser muito tibia, senão inexistente. Em certo sentido, nunca delas se distanciou, como lembra V. Bejarano (1975: 60): *en realidad, nunca los filólogos dejan de ser historiadores y muchos grandes historiadores han sido al mismo tiempo excelentes filólogos, como Th. Mommsen, E. Pais, M. Rostovtzeff, J. Carcopino, Piganiol, R. Syme*. É ainda verdade, portanto, que não há História antiga sem estudo do latim e do grego. Toda a moderna historiografia do mundo antigo está a demonstrar os elos entre o estudo da História antiga e o campo da Filologia, *lato sensu*. Qualquer estudo sobre a Antigüidade Clássica, e não apenas por parte de historiadores, como de outros estudiosos do mundo antigo, como arqueólogos e historiadores da arte, parte de uma análise prévia, de uma ou de outra forma filológica, do vocabulário antigo. Assim, as grandes sínteses, como todo o conjunto de obras de Vernant ou Finley, para citar dois estudiosos cuja ressonância ultrapassa em muito os confins da historiografia antiga, constróem-se a partir de estudos de vocabulário e do contexto de utilização de termos gregos e latinos. Assim, “trabalho e natureza na Grécia antiga” (Vernant 1988: 259-277), ainda que publicado, originalmente,

no *Journal de Psychologie*, constitui obra mestra da hermenêutica histórica, fundada, passo a passo, no estudo dos termos gregos: *pónos*, *pedíon nómos*, *tékhne*, *andreía*, *akhreía*, *thyraulein kai ponein ... et j'en passe!* Finley (1983), autor de trabalhos clássicos não somente para os estudiosos do mundo antigo, estando entre os mais citados por aqueles que estudam a escravidão moderna, também apresenta uma análise, antes de mais nada, filológica da escravidão: *doulos*, *seruus*, *pelatai*, *laoi*, *clientes*, *coloni*, *dominus*, *erus*, *peculium*, *hektemoroi ...*

Cabe, portanto, ao historiador da antigüidade conhecer o sentido original dos conceitos antigos (Momigliano 1984: 484) e pode dizer-se que isto tem sido feito *un pò da per tutto* (cf. a hermenêutica de Koselleck 1979). Assim, pode estabelecer-se as bases para o estudo de espaços, como os anfiteatros, no trocadilho de Robert Etienne (1965), *la naissance de l'amphithéâtre: le mot et la chose: de spectacula a amphitheatrum*, passando por *théatron kynetikón*; ou das *uillae*, com suas *membra rustica, urbana ornamenta, partes urbanae, rusticae, fructuariae* (Purcell 1996); ou das casas: *domus*, *taberna*, *cenaculum*, *aedes*, *pergula*, às vezes colocas para alugar (*locantur*) (Pirson 1997). Categorias de artefatos também precisam ser estudados, como é o caso dos vasos de cerâmica (Funari 1987) ou dos instrumentos agrícolas (Guarinello 1987). Conceitos capitais, como o de *humanitas*, também têm sido analisados (Veyne 1989; Funari 1996), bem como instituições essenciais e específicas, como *annona*, *frumentatio*, *uctigal*, *praefectus castrorum*, *primus pilus*, *signifer*, *optio*, *beneficiarius* etc (Remesal 1997). Todas estes trabalhos não se constituem, apenas, em estudos de termos, mas tratam da História econômica, social, política e cultural do mundo antigo, sendo a análise do vocabulário o ponto de partida antes que a meta (cf. Whittaker 1996: 17 sobre o estudo de Remesal sobre a *annona*). Um caso

paradigmático talvez seja o estudo de Alfons Bürge (1990) sobre o *mercennarius*, categoria de trabalhador assalariado...no entanto, *die Arbeit der mercennarius typische Skavenarbeit ist* (“o trabalho do *mercennarius* é tipicamente trabalho de escravo”). As conseqüências desta ambigüidade, o assalariamento de escravos, não poderiam ser maiores para a compreensão da própria estrutura social do mundo antigo. Muitos outros exemplos poderiam ser citados, como o caso da controversa questão das diferenças, ou não, entre os juízos (Bolonyai 1993) e culturas da elite e do povo (Funari 1991; Horsfall 1996).

Ainda no campo das línguas clássicas caberia mencionar os estudos sobre o linguajar utilizado pelos antigos, como é o caso do *sermo humilis*, o calão popular, tão revelador de traços culturais, apenas acessível pelo estudo da língua. O latim falado, representado por Petrônio, por exemplo (Boyce 1991; Marmorale 1948; Maiuri 1948; Zehnacker, 1989), não pode ser dissociado do estudo dos *tituli graphio exarati* (grafites) de Pompéia, com sua latinidade vulgar, viva, está tão próxima dos vernáculos românicos (Väänänen 1937), essa verdadeira “Civilização das formas literárias”, nas palavras de Marcello Gigante (1979). Da dupla negação (Perl 1979) ao vocábulo mais polissêmico, como *munus*, em *Munus te ubique* (CIL IV, 8031; cf. Funari 1991: 83-86), há todo um universo semântico de conteúdo sócio-cultural a ser desevidado com a participação da análise filológica.

Antes de terminar este breve apanhado, não poderia faltar uma advertência: *amicus Plato, sed magis amica ueritas*. Não se deixe de mencionar, ainda que *en passant*, que esta ligação indelével entre a História e a Filologia nem sempre apresenta aspectos louváveis, pois tanto o racismo (Bernal 1993), como o fascismo (Giordano 1993)

aproveitaram-se de um culto distorcido à Antigüidade Clássica para estabelecer interpretações, e políticas daí decorrentes, discriminatórias, pouco afeitas ao próprio espírito científico e, ainda menos, àquele humanista. Assim, a própria definição do grego e do latim como línguas clássicas é um recorte arbitrário em um mundo que se utilizava de outras línguas e escritas, a começar da mais conhecida e preservada, o hebraico/aramaico, cujo desconhecimento foi até mesmo programático: *rabbínica sunt, non legentur* (Cohen 1987: 130). Ora, toda a literatura rabínica, do talmude ao midrash, apresenta extensa documentação sobre o mundo helenístico-romano e apenas recentissimamente tem sido estudada por “classicistas” (cf. Banon 1995; Goodman 1997).

Quanto à literatura, os estudos mais tradicionais direcionavam-se para a História a partir das obras literárias, ou para a busca dos autores antigos por outros meios, como inscrições. Este é o caso da coletânea de referências explícitas a Virgílio, encontradas nas paredes de Pompéia, levada a cabo por Franklin (1997). No entanto, a História dos últimos anos aproximou-se da Literatura, ou, como propunha David Harlan (1989: 581), “o retorno da Literatura lançou os estudos históricos em uma grande crise epistemológica”. O caráter narrativo da História aproximou ficção e História, *res fictae* e *res factae*, voltou-se a poder entender História como gênero literário (White 1973). “O estilo não concerne ‘o jeito’ mas a própria ‘substância’ da Historiografia”, segundo Gay (1975: 3; cf. Ankersmit 1986; Munslow 1997: 140-162, sobre *Hayden White and deconstructionist history*). Retomou-se a própria terminologia clássica para descrever este caráter literário da narrativa histórica, como sugere Paul Ricoeur (1994: 11), ao empregar *inuentio, dispositio, elocutio, memoria, pronuntiatio*: trata-se de uma narrativa, *Erzählung* (Kocka & Nipperdey 1979; Baumgartner 1979). Grandes temas da historiografia contemporânea têm sido a

textualidade (Maier 1984) e a linguagem do próprio historiador: *die Sprache der Quellen und die Sprache der interpretierenden Historikers stehen in einem dialektischen Spannungsverhältnis*, “a língua das fontes e a língua do historiador que interpreta estão em uma relação dialética” (Mommsen 1984: 66). Este mundo como representação (Chartier 1989) apenas se pode exprimir por palavras, em textos, cuja expressão literária é inelutável, constituindo parte integrante e essencial da *verstehen* histórica (cf. Funari 1997; Kittsteiner 1997).

No que se refere ao mundo antigo, inúmeras conseqüências resultaram dessas preocupações, a começar do estudo da própria “invenção” daquela Antigüidade por nós, modernos. Não é à toa que Mark Golden e Peter Toohey (1997) acabam de lançar um volume que organizaram sobre a “Invenção da Cultura Antiga”. De fato, como já havia lembrado Michael Shanks (1995: 34), em outra busca etimológica, *invenire* e “invenção” significam, a uma só vez, “descoberta” e “invenção”. Do mesmo modo, as próprias “fontes literárias” têm sido perscrutadas de maneira a explorar temas como as relações de gênero (e.g. Rabinowitz & Richlin 1993), a espacialidade (Knights 1997), ou mesmo a cultura alimentar de provinciais no mundo antigo (e.g. Carreras & Funari 1998). Ressalte-se que, nos casos citados, não se trata de estudos apenas a partir da literatura antiga, pois que se juntam abordagens arqueológicas, históricas, antropológicas, mas sempre envolvendo um reexame da tradição literária antiga à luz daquilo que se convencionou chamar de *linguistic turn* (cf. Schötter 1997, com bibliografia anterior).

Isto nos conduz ao último aspecto deste ensaio, ligado aos dois primeiros: a Lingüística. De fato, todas as ciências humanas foram influenciadas pela Lingüística, como se observa nesta passagem de Gordon Childe (1960:15-17):

“Sendo a linguagem um veículo tão importante na formação e transmissão da tradição social, o grupo assinalado pela posse de uma ‘cultura’ distinta provavelmente falará também uma linguagem distinta...cada língua é produto de uma tradição social e age sobre outras formas tradicionais de comportamento e pensamento. Menos familiar é o processo pelo qual as divergências de tradição atingem até a cultura material.... ‘next Friday’, na Inglaterra, transforma-se em ‘Friday first’ na Escócia...Na Irlanda e no País de Gales os trabalhadores rurais usam pás de cabos longos, ao passo que na Inglaterra e na Escócia os cabos são muito mais curtos. O trabalho realizado é, em cada caso, o mesmo, embora o manuseio do instrumento seja, evidentemente, diverso. As divergências são puramente convencionais...As divergências lingüísticas devem ser tão velhas quanto as divergências culturais identificáveis no registro arqueológico”.

No entanto, foi a partir das década de 1960, com o estruturalismo lingüístico, que esta influência se generalizaria e já na década de 1970 podia afirmar-se que “a preocupação central das ciências do homem é a linguagem” (Vogt 1989: 62). A Lingüística, no entanto, passou a incorporar outras abordagens, em particular introduzindo uma noção sócio-histórica de discurso, de maneira que as condições sociais determinam mesmo as propriedades do discurso (Fairclough 1990: 17; 155). A introdução das classes sociais e dos

contextos históricos específicos (Kress e Hodge 1979) e a valorização do exosemiótico, para usar um termo de Lagopoulos (1986: 234), representou uma nova onda de influência lingüística, a partir de autores como Rossi-Landi (1986).

O estudo da Antigüidade Clássica foi influenciado muito diretamente por essa “tendência lingüística”, em particular com a adoção de esquemas analíticos derivados da analogia com a análise lingüística. Dois exemplos bastam para tratar desta questão: em primeiro lugar, o mais tradicional tema, que está na origem mesma da *Altertumswissenschaft*, a busca dos indo-europeus. Historiadores, arqueólogos e lingüistas debruçam-se sobre o mesmo material, a partir de conceitos da lingüística histórica (Zvelebil 1995; Dolukhanov 1995; Häusler 1995). Em outro sentido, estudiosos em busca de modelos analíticos para o temas complexos como as casas e a sociedade antigas têm se utilizado de esquemas derivados da Lingüística (e.g. Wallace-Hadrill 1994: 38 *et passim*).

Pode concluir-se que as relações entre a História da Antigüidade Clássica e as ciências humanas, em particular, Filologia, Literatura e Lingüística, têm-se mantido intensas, desde a origem do estudo moderno do mundo antigo. Nos últimos anos, estas interações foram se intensificando e, hoje, pode afirmar-se que não se pode deixar de conhecer e utilizar, de forma crítica, os aportes destas, como de outras áreas afins, ao estudo da História Antiga.

Agradecimentos

Agradeço aos seguintes colegas, que me forneceram trabalhos e ajudaram de diversas formas: Martin Bernal, César Carreras, Marc Mayer, Alexandros-Phaidon Lagopoulos, Amy Richlin, José Remesal e Michael Shanks. A responsabilidade, contudo, restringe-se ao autor.

OBRAS CITADAS

Ankersmit, F.R. 1986 The dilemma of contemporary Anglo-Saxon philosophy of History, *History and Theory*, 25, 4: 1-27.

Baumgartner, H.M. 1979 Erzählung und Theorie in der Geschichte. In J. Kocka & T. Nipperdey (her.), *Theorie und Erzählung in der Geschichte*, Munique, Dtv: 259-289.

Bejarano, V. 1975 La Filología latina: objetivos y métodos, *Durius*, 3, 1: 53-144.

Bernal, M. 1991 *Black Athena, the Afroasianic roots of classical civilization*. Londres, Vintage.

Bernal, M. 1993 Essay Review, Paradise Glossed, *Studies in History and Philosophy of Science*, 24, 4: 669-675.n

Bolonyai, G. 1993 *Iudicium docti indoctique*, *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, 34, 1-4: 103-137.

Boyce, B. 1991 *The language of the Freedmen in Petronius cena Trimalchionis*. Leiden, Brill.

Bürge, A. 1990 Der mercennarius und die Lohnarbeit, *Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte*, 107: 80-136.

Carreras, C. & Funari, P.P.A. 1998 *Britannia y el Mediterraneo: estudios sobre el abastecimiento bético y africano a Britannia*. Barcelona, Universidad de Barcelona.

- Chartier, R. 1989 Le monde comme représentation, *Annales*, 44, 6: 1505-1520.
- Childe, V.G. 1960 *O que Aconteceu na História*. Tradução de Wlatensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar.
- Cohen, H. 1987 *Mikvh'ar iggerot véqit'é yoman* ("Seleção de cartas e artigos de jornal"). Jerusalém, Mossad Bialik (em hebraico, organizado pro Rivka Hurwitz) .
- Dolukhanov, P.M. 1995 Archaeology and Linguistics: theories old and new. In M. Kuna & N. Venclová (eds), *Whither Archaeology?*, Praga, Institute of Archaeology: 204-210.
- Etienne, R. 1965 La naissance de l'anphithéâtre: le mot et la chose, *Révue des Études Latines*, 43: 213-220.
- Fairclough, N. 1990 *Language and Power*. Londres, Longman.
- Finley, M. 1983 *Ancient Slavery and Modern Ideology*. Harmondsworth, Penguin.
- Fox, M. 1993 History and rhetoric in Dionysius of Halicarnassus, *Journal of Roman Studies*, 83: 31-47.
- Franklin, J.L. 1997 Vergil at Pompeii: a teacher's aid, *The Classical Journal*, 92, 2: 175-184.
- Funari, P.P.A. 1987 Em torno da ânfora: a terminologia latina dos vasos recipientes. In N. Pinto & J. Brandão (orgs.), *Cultura Clássica em Debate*, Belo Horizonte, SBEC: 51-61.
- Funari, P.P.A. 1991 *La cultura popular en la antigüedad clásica*. Écija, Editorial Sol.
- Funari, P.P.A. 1995 *A Antigüidade Clássica: A História e a cultura a partir doos documentos*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- Funari, P.P.A. 1996 *Dressel 20 inscriptions from Britain and the consumption of Spanish olive oil, with a catalogue of stamps*. Oxford, Tempus Reparatum.
- Funari, P.P.A. 1997 Sobre a teoria da História, *Registro*, 4, 8: p. 6.
- Gay, P. 1975 *Style in History*. Londres, Routledge.

- Gigante, M. 1979 *Civiltà delle forme letterarie nell'antica Pompei*. Nápoles, Bibliopolis.
- Giordano, F. 1993 *Filologi e fascismo: gli studi di letteratura latina nell'Enciclopedia Italiana*. Nápoles, Artetipografica.
- Guarinello, N.L. 1987 O instrumental agrícola pompeiano e a economia antiga. In N. Pinto & J. Brandão (orgs), *Cultura Clássica em Debate*, Belo Horizonte, SBEC: 62-69.
- Harlan, D. 1989 Intellectual history and the return of literature, *American Historical Review*, 94, 3: 581-688.
- Häusler, A. 1995 Über Archäologie und Ursprung der Indogermanen. In M. Kuna & N. Venclová (eds), *Whither Archaeology*, Praga, Institute of Archaeology: 211-229.
- Horsfall, N. 1996 *La cultura della plebs romana*. Barcelona, PPU.
- Kittsteiner, H.D. 1997 Was heisst und zu welchem Ende studiert man Kulturgeschichte? *Geschichte und Gesellschaft*, 23: 5-27.
- Knights, C. 1997 The spaciality of the Roman domestic setting: an interpretation of symbolic content. In M.P. Pearson & C. Richards (eds), *Architecture and Order*, Londres, Routledge: 113- 147.
- Kocka, J. & Nipperdey, T. 1979 Einführung. In J. Kocka & T. Nipperdey (her.), *Theorie und Erzählung in der Geschichte*, Munique, Dtv: 7-13.
- Koselleck, R. 1979 *Vergangene Zukunft: zur Semantik geschichtlichen Zeiten*. Munique, Dtv.
- Kress, G. & Hodge, R. 1979 *Language as ideology*. Londres, Routledge and Kegan Paul.
- Lagopoulos, A.Ph. 1986 Semiotics and history: a Marxist approach, *Semiotica* 59, 3-4: 215-244.
- Lozano, J. 1987 *El discurso histórico*. Madri, Alianza Editorial.
- Maier, F.G. 1984 Der Historiker und die Texte, *Historische Zeitschrift*, 238, 1: 83-94.

- Maiuri, A. 1948 Petroniana, *Parole del Passato*, 3: 101-128.
- Marchal, L. 1987 L 'histoire pour Cicéron, *Les études classiques*, 56: 41-64.
- Marmorale, E. 1948 *La questione petroniana*. Bari, Laterza.
- Meister, K. 1990 *Die griechische Geschichtsschreibung*. Stuttgart, Dtv.
- Momigliano, A. 1984 *Sui fondamenti della storia antica*. Turim, Einaudi.
- Mommsen, W.J. 1984 Die Sprache des Historikers, *Historische Zeitschrift* 238, 1: 57-81.
- Munslow, A. 1997 *Deconstructing History*. Londres, Routledge.
- Nesselrath, H.-G. 1996 Herodot und der grieschische Mythos, *Poetica*, 28, 3-4: 275-296.
- Niebuhr, B. 1828-31 *Römische Geschichte*. Berlin, Dieter Verlag.
- Perl, G. 1979 Doppelte Negation in pompejanischen Inschriften (CIL IV 8767), *Philologus*, 122: 111-119.
- Purcell, N. 1996 The Roman *uilla* and the landscape of production. In T. Cornell & K. Lomas (eds), *Urban Society in Roman Italy*, Londres, UCL: 151-179.
- Rabinowitz, N.Z. & Richlin, A. (eds). 1993 *Feminist Theory and the Classics*. Londres, Routledge.
- Remesal, J. 1997 *Heeresversorgung und die wirtschaftlichen Beziehungen zwischen der Baetica und Germanien*. Stuttgart, Kommissionsverlag Konrad Theiss Verlag.
- Ricouer, P. 1994 Histoire et rhétorique, *Diogène*, 168: 9-26.
- Rossi-Landi, F. 1985 *A linguagem como trabalho e como mercado. Uma teoria da produção e da alienação lingüísticas*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo, Difel.
- Schötter, P. 1997 We hat Angst vor dem 'linguistic turn', *Geschichte und Gesellschaft*, 23, 1: 134-151.
- Schwinge, E.-R. 1996 Zu Thukydidides' historischer Erzählung, *Poetica* 28, 3-4: 297-326.

- Shanks, M. 1995 Archaeological experiences and a critical romanticism, *Helsinki Papers in Archaeology*, 7: 17-36.
- Väänänen, V. 1937 *Le Latin vulgaire des inscriptions pompéiennes*. Helsinki, Academiae Scientiarum.
- Vernant, J.P. 1998 *Mito e Pensamento entre os gregos*. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Veyne, P. 1989 “Humanitas”: romani e no. In A. Giardina (a cura di), *L’Uomo Romano*, Roma, Laterza: 385-415.
- Vogt, C. 1989 *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo, Hucitec.
- Wallace-Hadrill, A. 1994 *Houses and Society in Pompeii and Herculaneum*. Princeton, Princeton University Press.
- White, H. 1973 *Metahistory*. Baltimore, UP.
- Whittaker, C.R. 1996 Do theories of the ancient city matter? In T. Cornell & K. Lomass (eds), *Urban Society in Roman Italy*, Londres, UCL : 9-25.
- Woodman, A.J. 1983 From Hannibal to Hitler: the literature of War, *The University of Leeds Review*, 32: 107-124.
- Zenacker, H. 1989 Grammaire, rhétorique et romanité chez Pétrone, *Ktema*, 14: 247-254.
- Zvelebil, M. 1995 Indo-European origins and the agricultural transition in Europe. In M. Kuna & N. Venclová (eds), *Whither Archaeology?*, Praha, Institute of Archaeology: 173-203.